

VALSA LENTA, TEMPO DE ESCRITA, TEMPO DE VIDA

Rui Zink

No princípio, porque de um escritor se trata, devia estar o verbo. Lamento dizê-lo, mas no meu caso está a imagem: José Cardoso Pires, vestido casualmente, casacão grosso, cigarro pensativo, pela praia despida. Isto foi, salvo erro, por ocasião do lançamento de *Balada da Praia dos Cães*, em 1982. Na altura, ainda não era muito um cliché, esta imagem do escritor, não em Portugal, pelo menos. O escritor solitário, fumegante, maciço, caminhando pelo areal desolado, o horizonte recortado a preto e branco, preto no branco, ao fundo e em fundo. A imagem ainda não estava gasta pelo uso, e Cardoso Pires encarnava-a à perfeição. O lobo solitário, lutando com as palavras, fazendo longos passeios – solitários, pois então – por uma praia invernil. O tempo, a época do ano é aqui fundamental: se fosse no verão, a fotografia seria um fiasco: a roupa inapropriada, e a areia branca estaria decerto pejada de corpos adolescentes, namorando o bronze. A praia só é do escritor quando entregue a si própria.

1. José Saramago, era inevitável referi-lo, perdeu nesse ano o grande prémio Romance APE para a *Balada* de José Cardoso Pires. Podia ter sido o reverso. O mesmo Saramago disse, a propósito dos livros: “Cuidado, há uma pessoa dentro.”

Cuidado, há uma pessoa dentro. Em relação aos romances, isso é discutível, Saramago refere-se ao autor e nós até podemos dizer o contrário – se um romance só tem uma pessoa dentro, o autor, então é porque

algo não funcionou no romance. Ou, mais ainda, se a pessoa, no caso de ser só uma, que o romance tem lá dentro é só o autor, o caso está mesmo malparado, como, nos tempos que correm, muitas vezes o crédito da literatura. Porque nos romances de Saul Bellow quase sempre só há uma pessoa, simplesmente essa pessoa não se chama pequeno Saul, mas sim Herzog, sr. Sammler, Augie March, Tommy Wilhelm.

Em boa verdade, só vejo que a *boutade* do nosso abençoado Nobel faça sentido num género de livro muito especial, que mistura sabiamente ficção e autobiografia, em que o escritor se entrega ao leitor simultaneamente como objecto e sujeito, como cordeiro sacrificial de uma experiência-limite, o que nos traz logo à memória a figura do ambicioso Dr. Jeckyll, que, para melhor servir a ciência, se fez a si próprio cobaia.

José Cardoso Pires não é um cientista louco, apenas um artista que ama a sua arte. O advérbio “loucamente” daria alguma simetria à frase, mas não faria justiça ao mais rigoroso escritor português deste século (*ex-aequo*, claro, com Carlos de Oliveira). Cardoso Pires não escolheu ser cobaia de experiência nenhuma, a doença aconteceu-lhe, ele foi vítima, como qualquer homem comum, de uma fatalidade do corpo e do espírito. O que ele escolheu, isso sim, e aí vem o trabalho da escrita, foi *não ser* vítima. Enquanto corpo doente, cadáver ambulante morto de uma “morte branca”, a expressão é dele, Cardoso Pires sentiu-se, cito, um “ex-escriptor” (p. 45). Ao escrever sobre o seu período de ausência, o escritor resgatou-se enquanto aquilo que é, aquilo que faz a sua identidade. E nós confirmamos: durante dezenas de anos, José Cardoso Pires foi a encarnação do escritor. E, que eu saiba, não há mais eloquente vitória sobre a doença do que escrever sobre ela.

(Suspeito mesmo que é esse um dos objectivos da escrita: vencer o mal, escrevendo-o.)

2. Cardoso Pires sai de si, perde o nome, perde o mundo, e, na escrita do texto, na reescrita desse tempo perdido, fala de si como o outro em que se tornou:

Ele percebe que o estão a investigar (...). Percebe, não tenho dúvida (recordo essa minha reacção no primeiro interrogatório) mas o que ele ignora é que já não identifica os objectos que lhe apresentam: um lenço, um anel, a moeda tirada ao acaso do bolso da bata (...) e principalmente relógios, relógios de pulso, os ponteiros e a leitura das horas. Pois, relógios. (p. 32)

Quanto dura um coma? A divisão, já clássica, em literatura, entre tempo da história, do acontecido, e diegese, tempo da narração, é útil para fazer luz sobre o estado, clínico, de coma. A duração cronológica, segundo o tempo dos nossos relógios, é uma: um coma pode durar cinco minutos ou pode durar anos. E, interessante, é um daqueles estados cujo termo médico algum pode diagnosticar: ninguém sabe *quando*, ou *se*, o doente acorda. E o verbo acordar é inapropriado: acordado está ele, não está é acordado para este lado. Mais que nunca, aquela consciência, aquele ser, está em desacordo com o nosso lado e deixa-nos, por malícia, o corpo inerte, mas vivo, com as funções vitais a funcionarem, como penhor desse desacordo.

Voltando aos relógios:

O Outro de mim naturalmente que os conhece como peças, instrumentos sem interior, sem razão, mas eu diria que só de vista porque os isolara de referências. Exactamente como lhe acontecia com as pessoas que outrora lhe tinham sido mais próximas. (p. 32)

3. Dizem que foi necessária uma grande coragem para José Cardoso Pires escrever aquele livro. Qual coragem, qual carapuça! Um escritor, como uma criança angolana, usa os materiais que lhe chegam à mão para fazer o seu brinquedo terrível – o livro. José Cardoso Pires não seria um escritor digno desse atributo sócio-profissional se não escrevesse sobre o seu coma.

William Styron escreveu sobre a sua depressão. Peter Handke sobre a morte da mãe. Isabel Allende sobre a morte da filha. É mais que lógico que Cardoso Pires, escritor que coloco muito acima dos citados, escrevesse sobre essa magnífica matéria prima que lhe chegou à mão (porque só se pode imaginar o que se conhece), de bandeja.

E os escritores são, devem ser, supersticiosos. Ou fatalistas optimistas. Se lhes aconteceu aquilo, seja o que aquilo for, por alguma razão foi – e a razão, para um escritor, é sempre livro.

A adesão do público ao livro, era talvez inevitável, deveu-se muito a razões extra-literárias. É se calhar a sina dos tempos que correm, mas neste caso específico – *De Profundis, Valsa Lenta* – a admiração era muito pelo lado muscular da obra: como conseguiu ele, depois da doença?

Como conseguiu José Cardoso Pires, que esteve tão fora da carcassa de José Cardoso Pires, voltar a ser José Cardoso Pires?

O livro, temos de o dizer, entra no jogo. Capa dura, verde-eucalipto, desenho sépia de Mário Eloy: “A morte na gaiola”. Mesmo o corpo do livro – e falar de corpo é aqui extremamente apropriado – não é dele, José, mas um corpo desdobrado: praticamente metade do objecto corresponde a um texto de João, João Lobo Antunes. O médico. E na contracapa, pasme-se, um extracto do prefácio, como que a sublinhar que o livro é tocado a duas mãos. (Devia dizer a quatro, para aproveitar a analogia musical, mas nós só escrevemos com uma – se calhar por erro nosso.)

Um livro tão ligado à vida e ao próprio autor, o primeiro livro de Cardoso Pires, que eu saiba, em que ele mete a mulher e a família, com nome tal qual, não é escandaloso que motive um fascínio extra-literário. As melhores razões, no entanto, como quase sempre, são intra-literárias.

O texto é absoluto. Qualquer texto de Cardoso Pires busca isso, qualquer leitor seu o sabe. Pode ou não consegui-lo, o leitor pode gostar mais deste ou daquele livro, mas sabe que pode ir à confiança: qualquer livro de José Cardoso Pires é *o melhor* livro que ele conseguiu escrever, está laborado até à exaustão física e psíquica do autor. É aliás sintomático que mesmo num texto como este o escritor não consiga evitar dizer o que é para ele o texto literário. Certo, ele finge que está a falar de bilhar e de *snooker*, jogos de salão, mas é evidente que é de literatura:

Suponho que (Ramires, companheiro de quarto) assentara naquele tema por explorar um bar de snookers na Nazaré e o snooker não lhe merecer particular consideração. Segundo ele, o snooker era bilhar de cavalgada americana (vinte e uma bolas à procura de um buraco) e se o escolhera para ramo de negócio a culpa cabia ao triste gosto do público da Nazaré, essa praia de calçudos. Para ele, bilhar, o que se diz bilhar, só o francês e mais nenhum. Aí é que sim. Aí, com três bolas em sujeito, predicado e complemento, o artista de mão de seda traçava uma ortaória geométrica em cima do pano verde que era um pasmo ver. (p. 60)

4. *De Profundis* – acerca das profundezas. O latim, para além de ser uma língua morta, sabe a morte, a solenidade. *De senectute* – acerca da velhice, Cícero, salvo erro. *De profundis* – a única referência literária que me ocorre é um oposto de Cardoso Pires, Oscar Wilde, a escrever sobre a sua experiência extrema – a prisão.

Imagino Wilde e Cardoso Pires, cada um, gulosos do seu destino, por muito doloroso que ele fosse para si e para os outros. Se Wilde não tivesse sido brutal e barbaramente preso, não teríamos aquele texto lancinante de um homem que nem na dor consegue deixar de ser feliz. Se Cardoso Pires não tivesse sofrido o seu acidente vascular não teríamos este mistério de um homem que nem na perda cerebral consegue deixar de estar lúcido. Dois mistérios, dois escritores. Dois escritores cuja essência era o desvendar do mistério, não para o aniquilar, mas para o honrar. O mistério da vida que só pode ser verdadeiramente honrado e respeitado através do conhecimento, cuja primeira lição, de resto, é a de que nunca podemos penetrar o coração do mistério, apenas, com sorte, por breves instantes – tangê-lo.

Tempo de vida, tempo de escrita. A literatura mais interessante, a única que interessa, a única que me interessa, é a que diz aquilo que não pode ser dito de outra forma. A que diz o que não pode ser dito. A que de alguma forma (de uma forma **alguma**, de uma forma exacta) diz o interdito, seja o tabu, seja o mistério, o invisível.

Cardoso Pires recuperou aquilo que nós não vivemos e ele não era suposto recordar. Porque ninguém, em princípio, se recorda da perda absoluta. E José Cardoso Pires fá-lo? Duvido. Ele faz o que fazem todos os espeleólogos: reinventa o que viveu. Ele vive aquilo pela primeira vez, projectando, e vai colando peças pela primeira vez quando escreve, deslumbrado, fingindo – o poeta é um fingidor, disse não sei quem – que é um *déjà-vu*.

E nós, santa inocência que deu ao mundo leitores tão otários, engolimos.

5. Uma última imagem, se me permitem. Desde que, já lá vão vinte anos, li *O Delfim*, *Dinossauro Excelentíssimo*, *Cartilha do Marialva*, *Jogos de Azar* ou *O Anjo Acorado*, mas sobretudo *O Delfim*, com o seu narrador-caçador, astuto e paciente, não desdenho ver Cardoso Pires como um batedor de fronteira, um daqueles homens de idade indefinida, precocemente velhos ou eternamente vigorosos, que se vestiam de peles e já não eram nem brancos nem índios.

Não sei, nunca saberemos, ele próprio não sabe, apenas imagina, com quem esteve de facto José Cardoso Pires durante o período de tempo fora do tempo em que esteve do outro lado. O certo é que José logrou pedir mais algum tempo à pessoa com quem falou para escrever mais um livro – só mais um. A essa entidade, Deus ou diabo, anjo ou demónio,

fantasma projectado pelos nossos anseios ou oriundo de uma outra dimensão adjacente à nossa, a essa entidade agradeço, em meu nome, nome de Rui, o objecto *De Profundis – Valsa Lenta*.

Post Scriptum – Banhos:

Inacreditável. Eu, o Outro de mim, em viagem de passos perdidos e a interrogar-me se não estaria a caminhar para a loucura. E o caso é que, desconcertante ou não, a pergunta aconteceu. E para maior surpresa, não esqueci. Loucura, caminho para a loucura, a questão chegou-me com uma insistência passageira mas no estado em que me encontrava o que seria para mim a loucura? Como é que eu, impessoal tão a esmo, me tinha lembrado de tal coisa a propósito dum letreiro? Pensando-a a esta distância, admito que essa perturbação se possa dever a um eco da minha identidade do passado: ao enfrentar aquele letreiro como uma provocação de leitura e de escrita era o ex-autor de livros que estremeia (...). (p. 45)